

## 14 As mulheres e os quadrinhos

Se por um lado, em pleno século XXI, as mulheres ainda são segregadas, diminuídas e vilipendiadas em diversos setores da sociedade, por outro é inegável que conquistaram posições impensáveis há, digamos, 100 anos. Assim, por serem as histórias em quadrinhos um produto da cultura de massa, nada mais lógico do que retratarem a mulher de acordo com cada época em que são criadas.

Um trabalho interessante – e ainda inexistente na história das HQs – seria analisar a fundo como a mulher vem sendo retratada nas HQs ao longo, já podemos dizer, dos séculos. Tal estudo, se bastante aprofundado, revelaria, por certo, a situação da mulher ao longo do tempo – a posição a ser ocupada na sociedade (do ponto de vista masculino e feminino); valores e ideais associados a seu papel familiar e social; seus desejos, ambições e frustrações; e as conquistas acima referidas, que obviamente vão refletir a mudança de valores e comportamento.

A grande maioria dos roteiristas e desenhistas de HQ foi e continua sendo do sexo masculino. Isto provavelmente faz com que a mulher nas HQs seja retratada sob o viés masculino, seja em suas formas, em seu (supostamente devido) lugar na sociedade, em seu psicologismo, e em seu comportamento. Os quadrinhos “sempre foram o espaço por excelência da representação social. Dos cenários aos enredos, passando pelos personagens, tudo nas histórias em quadrinhos pode ser visto como uma apropriação imaginativa de conceitos, valores e elementos que foram, são ou podem vir a ser aceitos como reais”. (BARCELLOS) Em contrapartida, o feminino nos quadrinhos, quando aparece em cena, “alia idealizações ou caricaturas do que roteiristas e desenhistas, na maioria homens, imaginam das mulheres aos conceitos tradicionais do que é o feminino”. (BARCELLOS)

O mundo das HQs norte-americanas é um mundo de supremacia masculina, na visão de alguns pesquisadores do gênero nas HQs.

Mesmo as personagens femininas sofreram nos quadrinhos de super-heróis. Por anos, elas foram quase que sempre retratadas ora como mocinhas indefesas que precisavam de heróis para salvá-las, ora como vilãs sem moral, que provocavam os heróis virtuosos. Nos dois casos, elas sempre saem perdendo, seja pela dependência que desenvolvem em relação ao homem, seja por suas ações imorais, suas roupas decotadas, sua falta de pudor ao desfilar sua feminilidade – ou pelo menos aquilo que os autores transformaram em feminilidade. Mas, mesmo precisando dos homens, as mulheres dos quadrinhos foram aos poucos ganhando sua autonomia, conquistando seu espaço. (NOGUEIRA)

Foi um longo caminho para as mulheres em geral, mas, lamentavelmente, a exemplo das mulheres da vida real, ainda falta muito para as mulheres dos quadrinhos conquistarem mais respeito e reconhecimento:

Heroínas sem super-poderes, sempre dispostas a encarar o perigo, mas sempre esperando serem salvas pelos verdadeiros heróis, as mulheres dos quadrinhos assumiram modelos diversos, que foram se modificando à medida em que as mulheres reais iam conquistando seu espaço na sociedade. De simples heroínas românticas, elas ganharam poderes. No entanto, o poder maior, de se igualar aos homens nos quadrinhos, ainda está para ser conquistado. (NOGUEIRA)

Um estudo coerente desta questão não pode deixar de levar em conta as lutas das mulheres, o assim chamado feminismo, lutas estas bem resumidas por pesquisadoras como Simone de Beauvoir:

As mulheres de nossos dias estão prestes a destruir o mito do "eterno feminino": a donzela ingênua, a virgem profissional, a mulher que valoriza o preço do coquetismo, a caçadora de maridos, a mãe absorvente, a fragilidade erguida como escudo contra a agressão masculina. Elas começam a afirmar sua independência ante o homem; não sem dificuldades e angústias. (Beauvoir, 1967 *apud* MUNIZ, 2009)

Não é do interesse deste trabalho nos aprofundarmos nesta questão do gênero nas HQs. A rigor, uma parte do que deveria ser considerado aqui já o foi no item 13. Portanto, passamos a uma exemplificação dos principais estágios por que passaram as mulheres nos quadrinhos.

Embora toda classificação seja arbitrária e incompleta, uma possibilidade de estudo é analisar a mulher nas HQs segundo três eixos: (1) A mulher indefesa, mera coadjuvante do personagem principal (em geral um homem); (2) A mulher independente, em geral personagem principal; (3) A mulher sensual. Esta evolução é bem explicitada por Penerari:

As personagens femininas das histórias em quadrinhos percorreram um longo caminho na busca de autonomia e respeito por parte dos fãs. Não fazem mais parte do grupo das vítimas indefesas em apuros que precisam ser resgatadas por um super-herói. Garotas frágeis e delicadas abriram espaço a mulheres maduras, corajosas, independentes, às vezes politicamente incorretas e capazes de salvar o mocinho no final.

#### **14.1 A mulher indefesa, coadjuvante**

Alguns dos exemplos mais citados como referência às tais “mocinhas indefesas” são as “eternas namoradas” dos heróis. Dale Arden, namorada do Flash Gordon; Diana Palmer, namorada do Fantasma; e Lois Lane, namorada de Clark Kent (não do Super-homem, a princípio). Estas mulheres simbolizam a figura da mulher subserviente, obediente, apaixonada e companheira, muitas vezes esposa e mãe, figura esta que consagrava os valores vigentes à época (década de 1940-1950). Ainda assim, esta visão redutora precisa ser um pouco relativizada. Exceto por Arden, as personagens citadas já eram, em tese, mulheres independentes e que trabalhavam para colher o seu sustento: Palmer, embora milionária de berço, culta, não abriu mão de seu trabalho voluntário na ONU; Lois Lane era jornalista. E mesmo Arden, somente pelo fato de se engajar em aventuras extraterrestres com seu amado, nas entrelinhas vivendo maritalmente com ele, já deixava antever uma certa “revolução nos valores morais” da época. Ser independente e trabalhar não era uma regra, a exemplo de Tess Trueheart, mulher de Dick Tracy, esposa e mãe (curiosamente só se casaram após 18 anos de história); Tess era a típica dona de casa norte-americana, mas, ao lado de suas companheiras de jornada, já trazia sementes de algum feminismo em ebulição, que por sua vez retratavam os anseios da “nova” mulher.

A Figura 1 ilustra com bastante clareza como a mulher era considerada na década de 1940 nas HQs, que possivelmente eram um retrato do que acontecia na vida real.



**Figura 1 – Mulher coadjuvante**

A Figura 2 ilustra o estereótipo da mulher que desmaia diante do perigo, o que pode funcionar na história como uma estratégia para que o protagonista aja sozinho.



Figura 2 – Mulher indefesa

Antes e depois destas “heroínas” houve outras, algumas funcionando como embriões de ideias liberais (Polly and her Pals, de 1912), o que “incomodava alguns da sociedade” (PENERARI); outras que exploravam seus dotes físicos em um mundo machista (Jane, de 1932; Film Fannie, de 1938; G. I. Jane, de 1953); outras protótipos da mulher independente que estava por se materializar (Brenda Starr, de 1940). O caso de Branda Starr é muito interessante: criada e desenhada por uma mulher, Delia Messick, que foi obrigada a usar um pseudônimo (Dale Messick) “devido ao preconceito existente na indústria da época” (PENERARI), Brenda Starr era uma jornalista decidida e independente, extrovertida e que, mesmo sem superpoderes, “resolvia sozinha boa parte dos problemas comuns à imprensa”. (PENERARI) A personagem ganhou filme na década de 1990, na interpretação da atriz Brooke Shields.

As figuras 3, 4, 5 e 6 apresentam algumas das personagens mencionadas aqui.



PILCHER, Tim. *Erotic Comics: A Graphic History*. Vol. 1. Cambridge: ILEX, 2008.

Figura 3 – Páginas internas de Jane



PILCHER, Tim. *Erotic Comics: A Graphic History. Vol. 1.* Cambridge: ILEX, 2008.

Figura 4 – Capas de G. I. Jane



PILCHER, Tim. *Erotic Comics: A Graphic History. Vol. 1.* Cambridge: ILEX, 2008.

Figura 5 – Capas de G. I. Jane



<[http://en.wikipedia.org/wiki/Brenda\\_Starr\\_Reporter\\_%28comic\\_strip%29](http://en.wikipedia.org/wiki/Brenda_Starr_Reporter_%28comic_strip%29)>  
Acesso: 02 fev. 2011.

Figura 6 – Páginas internas de Brenda Starr

Uma das *barbies* mais famosas foi Betty Boop (de 1931, baseada na atriz Clara Bow), cuja sensualidade era explorada ao extremo (em seu corpo e rosto infantis!), e que “não durou muito devido à atitude levemente erótica da personagem que ofendia os moralistas”. (PENERARI) Little Annie Fanny (Aninha, no Brasil), de 1962, incorporava o estereótipo da “loira burra” mas extremamente sexy, sendo veiculada na revista *Playboy*.



<[http://en.wikipedia.org/wiki/Betty\\_Boop](http://en.wikipedia.org/wiki/Betty_Boop)>  
Acesso: 2 fev. 2011.

Figura 7 – Páginas internas de Betty Boop

Pode-se dizer que a grande “revolução” feminina – ou o início dela – no universo dos quadrinhos aconteceu com a Mulher-Maravilha, criada por William Moulton Marston, em 1941. A personagem congregava os anseios da mulher “moderna” da América de então: inteligente, culta, esportiva (era descendente das Amazonas), independente e trabalhadora. Não se pode esquecer de figuras como Barbarella (de 1962), que simbolizavam a nascente independência feminina, em tempos de questionamentos sobre a posição da mulher na sociedade e do amor livre. Nas figuras 8, 9 e 10 estão algumas capas e cenas de Barbarella, personagem que virou filme com Jane Fonda em 1968.



**Figura 8 – Capas de Barbarella**

<Disponível em: <<http://www.hollywoodcomics.com/forestbbd.html>>. Acesso em: 2 fev. 2011.



**Figura 9 – Página interna de Barbarella**

<Disponível em: <<http://www.hollywoodcomics.com/forestbarbgallery.html>>. Acesso em: 2 fev. 2011.



**Figura 10 – Página interna de Barbarella**

<Disponível em: <<http://membres.multimania.fr/angel/Barbarella/comic.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2011.

Aqui chegamos ao limite entre a mulher indefesa, dependente do homem, e a nascente mulher independente, “dona de seu nariz”. É importante notar que muitas dessas personagens faziam uso de sua sensualidade/sexualidade, implícita ou explicitamente, mas ainda dentro de um contexto, digamos, (pseudo-)moralista. Algumas destas personagens podem até ser incluídas no gênero das HQs eróticas, como será visto adiante.

## 14.2 A mulher independente

Depois da Mulher-Maravilha, que, especula-se, teria surgido como contraponto mercadológico ao Super-homem, aparece um verdadeiro panteão de super-heroínas – e vilãs – que vão alçar a mulher das HQs a um patamar bem mais elevado e jamais anteriormente imaginado. Ao lado da Mulher-Maravilha, Bat-girl e Super-girl, encontramos a Mulher-gato, Encantor (do universo do deus asgardiano Thor) e,

mais recentemente, *The Pro*. O caso de *The Pro* é emblemático dos dilemas da mulher moderna. Trata-se de uma prostituta, sem dinheiro, com um filho pequeno, que recebe poderes sobre-humanos e começa, embora relutantemente, a combater o crime. Com seu linguajar chulo e colocada em situações hilariantes, as histórias de *A Pro* no fundo ironicamente (metaforicamente?) apontam para algumas mazelas da sociedade, especialmente no que tange à mulher, em paródias de super-heróis conhecidos, como Super-homem, Mulher-Maravilha e outros.

Neste ponto de uma possível classificação, é preciso muito cuidado: muitas das super-heroínas – antigas e modernas – e das novas protagonistas das HQs abusam de sua sensualidade (corpos e uniformes), o que não configura, a meu ver, o apelo essencialmente erótico de uma outra classe de HQs, a saber, as HQs eróticas. Mulher-Hulk, Vampirella, Witchblade, Elektra, Red Sonja (do universo de Conan), Tempestade (do universo dos X-men), ao lado das brasileiras Mirza e Velta, são exemplos de mulheres sensuais (de acordo com a época em que foram criadas), mas que ainda não se incluem nas chamadas HQs eróticas ou pornográficas. A rigor, Dale Arden, a eterna namorada de Flash Gordon, é muitas vezes desenhada de tal forma a ressaltar suas formas exuberantes, muito do que se deve a suas roupas, que à época deveriam ser bastante “provocantes”. Na verdade, estas personagens reproduzem nas HQs a mudança de comportamento (e aparência física) e vestimenta da mulher “moderna”. Embora construídas provavelmente segundo o imaginário masculino, o foco principal das HQs em que aparecem não é o erotismo, a sensualidade e a sexualidade, se bem que, inegavelmente, o apelo sexual está presente e deve ser uma das forças motrizes a alavancar as vendas das revistas. As figuras 11, 12 e 13 ilustram três destas personagens.

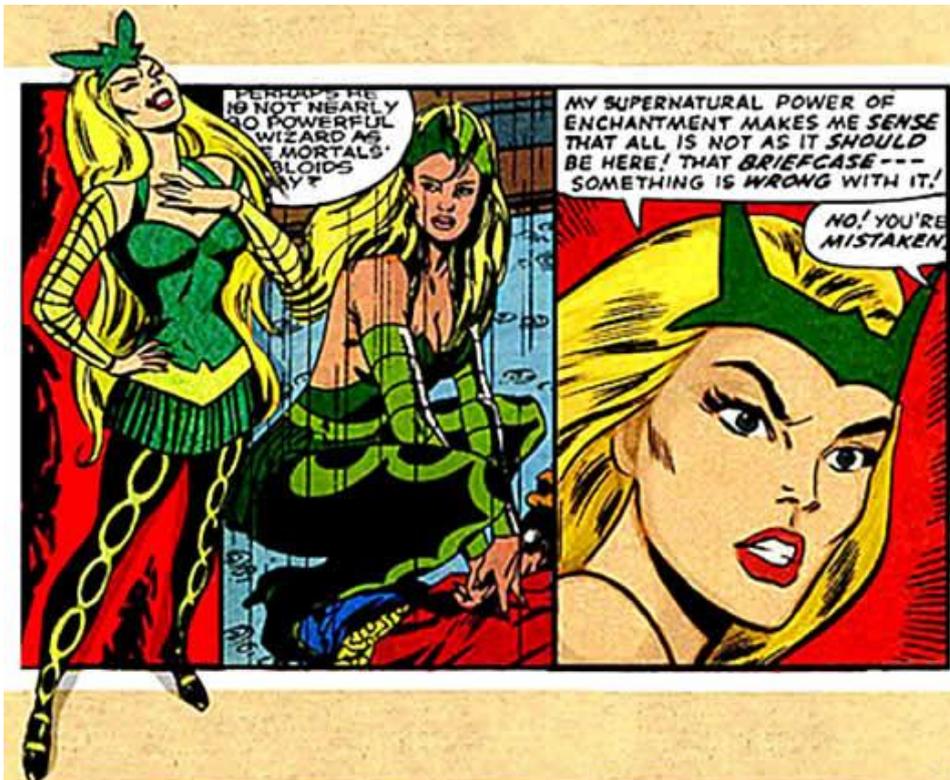


Figura 11 – Encantor



Figura 12 – Capa de Red Sonja

Disponível em: <<http://www.comicvine.com/red-sonja/29-2439/>>. Acesso em: 2 fev. 2011.

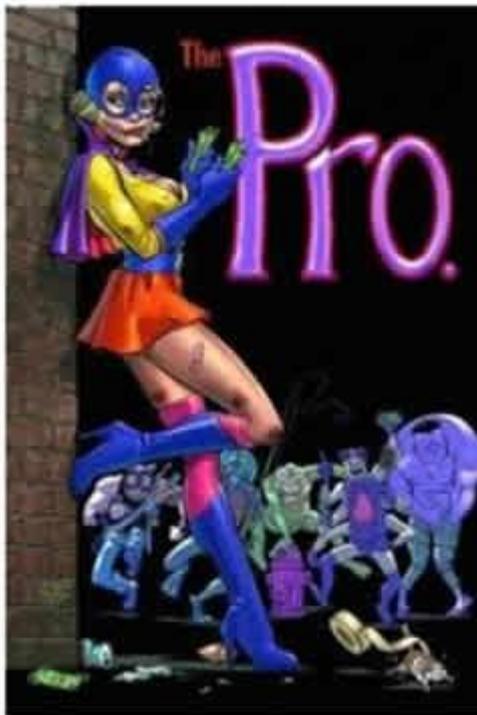


Figura 13 – Capa e página interna de The Pro

(ENNIS, Garth; CONNER, Amanda; PALMIOTTI, Jimmy. *A Pro*. São Paulo: Devir, 2003.)

### 14.3 A mulher sensual

Desde que se tornaram fenômeno da comunicação de massas, as HQs, como não poderia deixar de ser, utilizaram a figura feminina, no início mais recatada, mais vestida, mais dependente, ícone dos valores atribuídos à mulher da época (estamos falando aqui dos anos 1920-1960); paulatinamente, a mulher dos quadrinhos começou a ser mais participante, mais independente, menos vestida, aqui também refletindo as mudanças nos valores morais e no comportamento, tendência que prevalece atualmente (anos 2000). O fato é que a sensualidade feminina vem sendo explorada nas HQs desde seus primórdios, de uma forma ou de outra, evidentemente de acordo com o que é “permitido” dizer e desenhar em cada época (o retrato da sociedade), a censura e o público-alvo.

Muitas personagens femininas dos quadrinhos vêm utilizando sua sensualidade – e sexualidade – das maneiras mais variadas, seja na ficção científica, seja no terror, na espionagem e na vida cotidiana. A lista seria imensa para os propósitos deste trabalho, mas aqui estão alguns nomes, a título de curiosidade:

#### ◆ Ficção científica

Axa – criada por Enrique Romero em 1978 (Inglaterra – jornal *The Sun*)

Druuna – criada por Paolo Serpieri em 1985 (Itália)

Lara Croft – criada por Dan Jurgens e Andy Park em 1999 (EUA), a partir do video game da Eidos Interactive

#### ◆ Terror

Mirza – criada por Luís Meri e Eugênio Colonnese em 1967 (Brasil)

Naiara – criada por René Figueiredo em 1968, escrita por Helena Fonseca e desenhada por Nico Rosso (Brasil)

Vampirella – criada por Frank Frazetta em 1969 (EUA)

#### ◆ Espionagem

Octobriana – criada nos anos 1960 (União Soviética)

Kelly Green – criada por Leonard Starr e Stan Drake em 1981 (EUA)

#### ◆ Vida cotidiana

P’Gell – criada por Will Eisner em 1946, personagem das histórias de *The Spirit*, também de Eisner (EUA)

Valentina – criada por Guido Crepax em 1965 (Itália)

Paulette – criada por Wolinsky e Pichard em 1970 (França)

Anita – criada por Guido Crepax em 1971 (Itália)

Um breve resumo da evolução da figura feminina nos quadrinhos, com o foco na sensualidade/sexualidade, é apresentado por Franco de Rosa no prefácio de seu livro *As Taradinhas dos Quadrinhos* (2003):

As primeiras histórias em quadrinhos apresentavam a figura feminina como elemento de conquista do homem. Eram, muitas vezes, os objetos de piada e raras vezes possuíam apelo sexual. Isso porque os quadrinhos começaram com séries destinadas ao público infantil. A primeira gostosinha dos quadrinhos foi a filha do casal Pafúncio e Marocas. Na verdade, ela era uma taradinha, porque passou a caçar os homens e provocar um certo rubor na face dos leitores com suas aparições nas tiras.

O primeiro autor brasileiro de quadrinhos, Angelo Agostini, no entanto, iniciou sua produção no século XIX, voltando suas sátiras ao público adulto e já desenhando cocotas de visual interessante e provocando tesão. Porém, a produção corriqueira dos comics durante seus primeiros 30 anos apenas apresentava a figura feminina como coadjuvante ou como vilã, em séries como Fantasma, Spirit, Mandrake, Superman, Batman e Flash Gordon.

Hoje, a sensualidade é flagrante na maioria dos quadrinhos juvenis. Não existe super-heroína que não seja gostosa. Qualquer fêmea apertadinha dentro de seu uniforme é uma taradinha em potencial. Todas as moças da equipe X-Men são ativas “devoradoras de homens”. Assim como as sacanas garotas de Gen 13, ou as novas perversas Lara Croft, Fathom, Ângela e até a Morte, da série Sandman. *Sex appeal* é básico nos gibis do novo milênio, mas houve um tempo em que a malícia nas páginas dos quadrinhos era rara. (ROSA, 2003, p. 5-6)

Não está entre os objetivos deste trabalho relacionar e analisar em profundidade as personagens femininas das HQs. Há trabalhos brilhantes disponíveis no mercado e na Web para satisfazer essa necessidade. As figuras 14 a 24 a seguir, entretanto, servem para ilustrar algumas das mulheres aqui mencionadas.



**P'Gell. Lucchetti, 2001, p. 20.**

**Figura 14 – Capa de *The Spirit* com P'Gell**



P'Gell. Lucchetti, 2001, p. 19.

Figura 15 – Página interna de *The Spirit* com P'Gell



Octobriana. Rosa, 2003, p. 15.

Figura 16 – Octobriana



Octobriana. Rosa, 2003, p. 17.

Figura 17 – Octobriana



*Octobriana*. Lucchetti, 2001, p. 23.  
Figura 18 – Octobriana



*Octobriana*. Lucchetti, 2001, p. 24  
Figura 19 – Octobriana

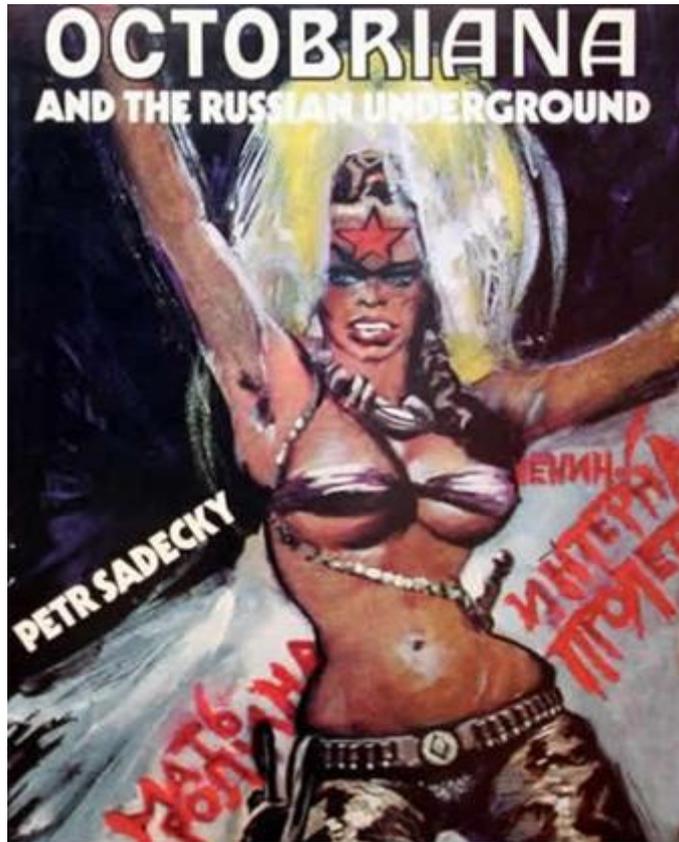


Figura 20 – Octobriana de 1971

[Disponível em: <<http://www.comicvine.com/octobriana-and-the-russian-underground/4050-32534/>>. Acesso em: 10 fev. 2011.]



**Naiara, A Filha do Drácula.**

Disponível em:  
<[http://3.bp.blogspot.com/\\_feFyYnEiQYk/Stxw5gtC6VIIAAAAAAAAE4ZmigTcu64Ps/s1600-h/NAIARA+1+HELENA+FONSECA.jpg](http://3.bp.blogspot.com/_feFyYnEiQYk/Stxw5gtC6VIIAAAAAAAAE4ZmigTcu64Ps/s1600-h/NAIARA+1+HELENA+FONSECA.jpg)>.

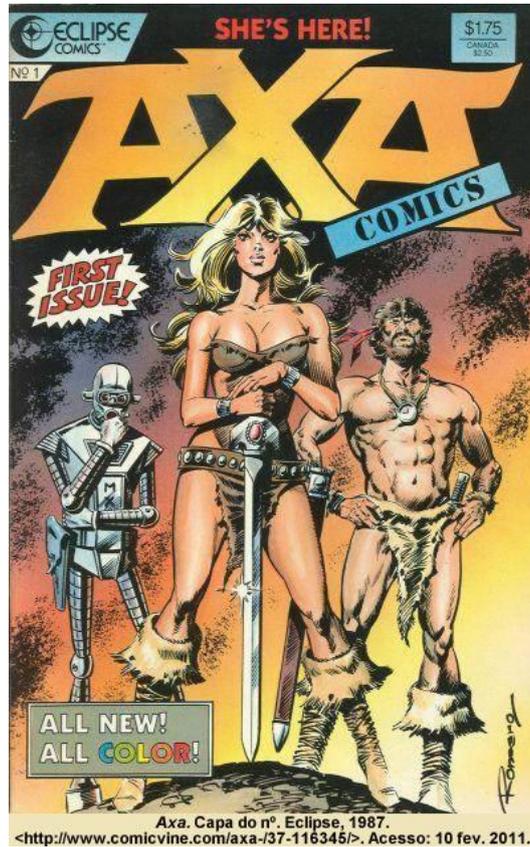
Acesso em: 10 fev. 2011.

Figura 21 – Naiara, A Filha do Drácula



*Paulette* 1. L&PM, 1990. p. 40.

Figura 22 – Paulette



Axa. Capa do nº. Eclipse, 1987.  
<<http://www.comicvine.com/axa-37-116345/>>. Acesso: 10 fev. 2011.

Figura 23 – Axa



Axa. Lucchetti, 2001, p. 72.

Figura 24 – Axa

Não é tarefa muito fácil traçar a linha divisória entre as HQs que utilizam a sensualidade das personagens femininas como mais um elemento da arte e do roteiro daquelas que a têm como ponto central. Diversos critérios poderiam ser utilizados para tanto: um deles poderia ser a existência ou não de imagens de órgãos sexuais e/ou de cópula explícita. Definitivamente, ele serviria como um dos elementos para a classificação das histórias em HQs eróticas, mas sua ausência não retira uma HQ da designação de HQ erótica. Talvez um critério mais relevante seja avaliar a “carga erótica” do roteiro e do desenho, que pode utilizar ou não cenas mais explícitas.

Este tema já foi abordado de maneira mais superficial no item 6.2 (subitens b, c, d) e no item 10.8, e vale aqui aprofundá-lo ligeiramente.

O tema do erotismo (e do pornográfico) muitas vezes causa polêmica ou é descartado como irrelevante, menor, um despautério, baixo, ou outros adjetivos. No entanto, é importante notar que a literatura erótica é um campo de estudo vasto e objeto de interessantes pesquisas acadêmicas.

Na verdade, o que vale para os quadrinhos pode ser usado para o cinema, para a literatura e para a arte em geral. A grande questão é "como diferenciar entre o erótico e o pornográfico", e neste ponto muitos poderiam considerar o assunto como de cunho pessoal. Na verdade não é bem assim. O modo como enxergamos pelo lado pessoal é nosso, intransferível, e precisa ser respeitado, não só pela questão do gosto, da estética, mas pelas questões morais que podem estar envolvidas em cada época. No caso em pauta, tenta-se abordar o assunto de maneira mais racional, científica, acadêmica. E é exatamente por isso que o lado pessoal precisa, em um primeiro momento, ficar de fora. Uma analogia seria com a literatura, por exemplo, de Shakespeare. Não se pode analisar o que o bardo escreveu com os olhos de homens e mulheres do século XXI; muito menos com nossas visões de mundo, religião, postura perante o amor e o sexo, inclinações políticas. Precisamos "viajar" até sua época, entender o que ocorria por lá, como as pessoas pensavam, viviam, faziam amor, namoravam, o que conversavam, saber seus valores, e assim por diante. Cada época tem sua abordagem para as questões práticas e as ditas "do espírito", filosóficas, morais.

Voltemos ao erótico. Alexandrian (1994, p. 7-8) apresenta algumas considerações para o estudo da literatura erótica:

Uma literatura cujo objetivo é afirmar os direitos da carne é perfeitamente legítima. Mas exige, se não se quer comprometer o equilíbrio humano, que mantenhamos diante dela os direitos do espírito, criticando-a objetivamente. Na ausência de um conhecimento geral de suas variações, tal como estabelecido aqui, poderíamos cometer lamentáveis enganos sobre seu sentido profundo e sobre seus criadores. Ao longo do meu livro veremos tomar forma a noção de liberdade sexual e acompanharemos sua progressão no tempo, suas mutações e mesmo suas contradições. Compreendemos quais são os verdadeiros critérios que permitem julgar se um livro erótico é bom ou mau, se pertence à literatura ou se é um documento psicopatológico.

Apresentando seu trabalho, Alexandrian (1994, p. 7) reconhece que se trata de “assunto considerado frívolo ou imoral”, e que em seu trabalho não pretende elogiá-lo, mas “compreendê-lo em profundidade e definir através dele as relações entre as literaturas e os costumes”. Vai além:

Os excessos cometidos em nome do erotismo nas letras e artes nestes últimos anos correm o risco de tornar questionáveis liberdades penosamente adquiridas. Alguns sonham com uma volta ao puritanismo e à proibição, enquanto há quem defenda a tolerância incondicional. É necessário expor a uns e outros, numa visão de conjunto, tudo o que representou a luta secular dos escritores em prol da expressão total da sexualidade.

Analisando-se a história da literatura erótica, é preciso reconhecer um fato como ponto pacífico:

A literatura erótica nem sempre foi desacreditada, condenando seus autores ao anonimato e suas obras a uma divulgação clandestina. Entre os gregos e os romanos da Antiguidade ela se expressava abertamente; os melhores autores a praticavam às claras e seus leitores se divertiam com ela sem falsa vergonha. Apenas não era admitida no gênero nobre, que compreendia a tragédia e a epopéia, mas concediam-lhe como domínio o gênero familiar, o da comédia, do conto, da poesia elegíaca, satírica ou epigramática. (ALEXANDRIAN, 1994, p. 11)

É o mesmo autor quem faz uma distinção deveras relevante entre o erótico e o pornográfico, este último para ele sinônimo de obsceno:

A pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres carnaís; o erotismo é a mesma descrição revalorizada em função de uma idéia do amor ou da vida social. Tudo o que é erótico é necessariamente pornográfico, com alguma coisa a mais. É muito mais importante estabelecer a diferença entre o erótico e o obsceno. Neste caso, considera-se que o erotismo é tudo o que torna a carne desejável, tudo o que a mostra em seu brilho ou em seu desabrochar, tudo o que desperta uma impressão de saúde, de beleza, de jogo deleitável; enquanto a obscenidade rebaixa a carne, associa a ela a sujeira, as doenças, as brincadeiras escatológicas, as palavras imundas. (ALEXANDRIAN, 1994, p. 8)

Antes de prosseguir, utilizemos uma analogia: pode-se afirmar, falando de música, algo como "não gosto dos Beatles". Isso é uma coisa. Outra é dizer: "não gosto dos Beatles, mas entendo a importância deles para a música popular". Outra ainda é dizer: "pessoalmente não gosto dos Beatles, mas entendo a importância deles para a música popular, e reconheço que algumas das canções que eles compuseram são bem elaboradas, bonitas, agradáveis e musicalmente relevantes". Fica bem claro que a primeira opinião só leva em conta o lado pessoal de quem fala; a segunda é mais abalizada; e a terceira deve vir de um músico ou de alguém que conhece música mais a fundo. Ou seja, como uma forma de arte nos toca não necessariamente é o modo como nós mesmos, em uma análise mais fria, a julgaríamos. Vejamos o cinema.

Os filmes *Nove Semanas e Meia de Amor*, *A Mulher do Tenente Francês*, *Perdas e Danos*, *O Paciente Inglês*, e outros, foram sucesso de bilheteria em todo o mundo. Ninguém que conheça o mínimo de cinema (e que se afaste do lado pessoal, do gostar ou não gostar), jamais vai considerar esses filmes pornográficos: provavelmente vai dizer que são românticos e, o que queremos aqui, eróticos, sensuais. Há nudez, há cenas de sexo. E aqui corremos um grande perigo: muitos julgam um filme pornográfico como sendo aquele que contém cenas de nudez explícita. Não necessariamente. Consideremos agora alguns filmes que são vendidos em bancas de jornal. Há alguns títulos muito sugestivos: *Cowboy & Suas Cachorras*, *Casal Bem Dotado*, *Insaciáveis*, *Loiras Versus Morenas: Quem Dá Mais* – isso em uma

pesquisa de um minuto no Google. Ninguém precisa assistir a esses filmes para concluir que são pornográficos, não eróticos.

Como estamos tratando de extremos, fica fácil. Agora consideremos os filmes do diretor Tinto Brass (*Calígula, O Voyeur, Monella A Travessa, Faça Isto, Todas as Mulheres Fazem*): vai ficar difícil classificá-los. Há nudez explícita, ato sexual explícito, e não são pornográficos (tanto que foram vistos no grande circuito). Bem, então, poderíamos dizer: sempre que houver uma "historinha" por trás, não é pornográfico. Ainda não é um critério satisfatório.

Um dos caminhos mais seguros para a classificação de algo em erótico ou pornográfico é o que se poderia chamar de "gratuidade da situação". Um filme essencialmente pornográfico, ainda que com "historinha", tem a nudez e o ato sexual mais gratuito; estão lá por estar – o que interessa é o longo ato sexual. Há um roteiro – começa de uma maneira, continua de outra, e termina de outra. É previsível, mesmo que com final imprevisível. O sexo é apresentado de maneira gratuita. Pode até excitar, mas é direto, objetivo, visa à satisfação dos sentidos somente. As cenas de sexo são exageradamente longas e/ou explícitas, sendo o foco central do filme.

Um filme erótico pode até ter sexo explícito, mas ele é um meio para se atingir um fim – ou razão para algo –, ou consequência de algo. Tem importância para o enredo, é relevante, e normalmente as cenas de sexo não são tão longas e gratuitas como nos filmes pornográficos. O mesmo vale para a literatura e o mesmo vale para os quadrinhos. Há HQs eróticas (de Manara, Crepax e outros) e pornográficas (de Carlos Zéfiro, por exemplo).

Uma outra distinção deve ser levada em conta – a obra que contém passagens eróticas e a obra erótica propriamente dita.

Deve-se distinguir o romance contendo passagens eróticas do romance erótico propriamente dito, tendo por assunto o ato sexual em todas as suas variações. O primeiro evoca livremente a sexualidade porque seu autor pensa que estaria incompleto se colocasse em ação personagens privados dessa mola fundamental; mas ele serve todavia a um desígnio mais amplo. O segundo só exprime a sexualidade, nada mais, e isso com o objetivo de excitar o leitor. Não se pode qualificar de romance erótico o *Ulisses* de James Joyce, a despeito do monólogo final de Mrs. Bloom, pois é primordialmente um romance metafísico sobre os submundos: submundo da cidade (quando o herói atravessa a área movimentada de Dublin), submundo da linguagem, submundo da consciência humana. Ao contrário, os romances de Sade são romances eróticos, escritos para saciar sua excitação sexual furiosa e comunicá-la eventualmente a outrem. (ALEXANDRIAN, 1994, p. 9)

Pode-se dizer o mesmo para as HQs. Uma história de super-heróis, por exemplo, em que apareçam corpos “malhados” em uniformes apertados, ressaltando as formas de homens e mulheres, ou mesmo uma HQ adulta em que apareçam cenas de sexo, não precisa ser considerada uma HQ erótica. Não é o caso de HQs que utilizam o erotismo como seu foco principal, seja histórias criadas para a arte sequencial (*Gullivera, O Clic*) seja transcrições de romances da chamada literatura erótica (*O Amante de Lady Chatterley*, as obras do Marquês de Sade). E obviamente tais HQs serão diferentes das chamadas

pornográficas (e algumas do gênero *hentai* japonês), que irão certamente explorar o sexo de forma mais gratuita.

Vejam-se alguns exemplos nas figuras a seguir.



Figura 25 – Capa e páginas internas de *A Sobrevivente*  
(criada por Paul Gillon, 1985, França)

Disponível em: <[http://www.universohq.com/quadrinhos/2009/review\\_ASobrevivente.cfm](http://www.universohq.com/quadrinhos/2009/review_ASobrevivente.cfm)>. Acesso em: 13 fev. 2011.]



Figura 26 – Página interna de Druuna  
(criada por Serpieri, 1979, Itália)

[Disponível em: <<http://www.druuna.net/pop-ext.htm?ID=5&NUM=5>>. Acesso em: 13 fev. 2011.]

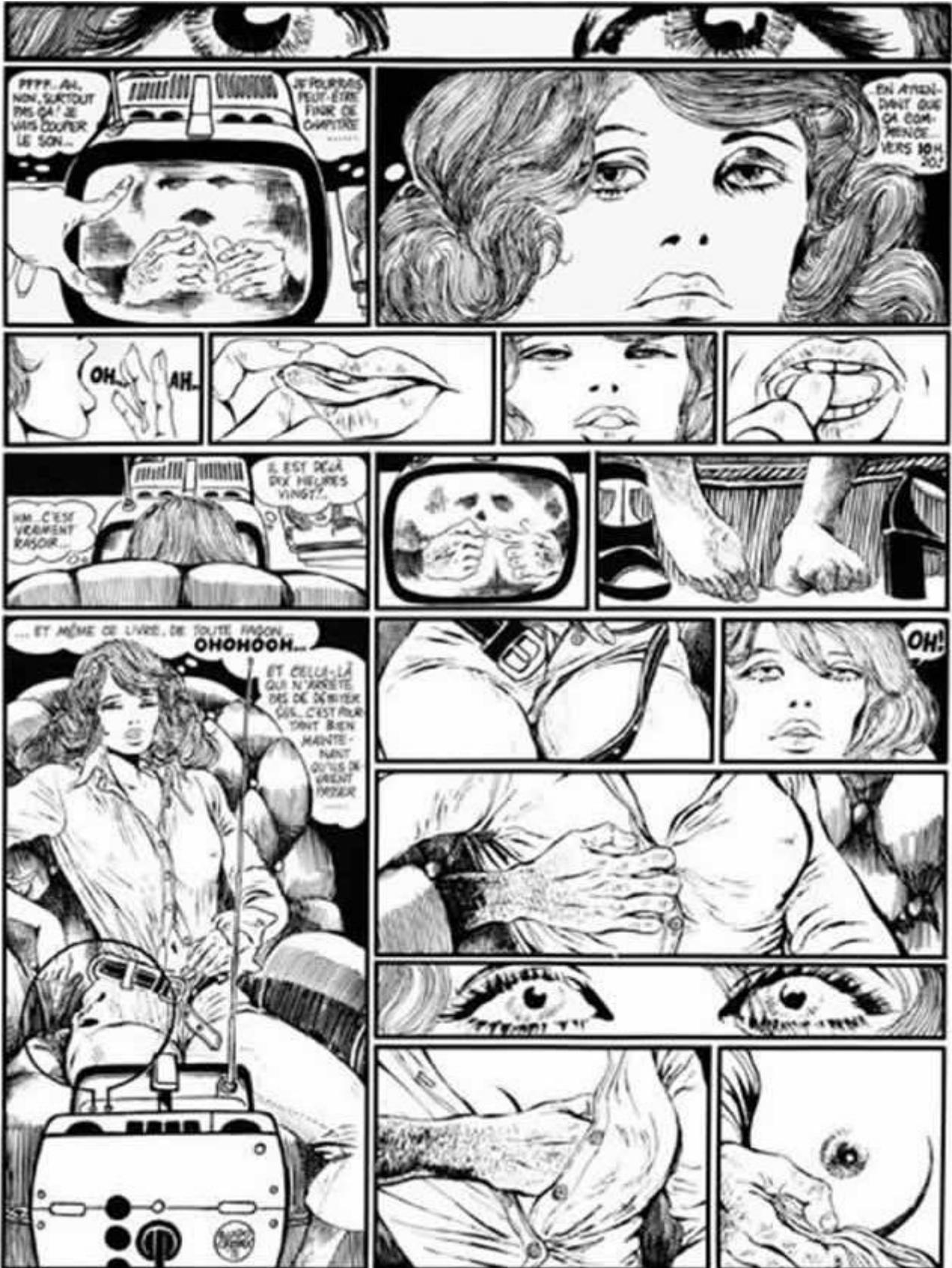


Figura 27 – Página interna de Anita  
(criada por Guido Crepax, 1971, Itália)

[Disponível em: <<http://www.bedetheque.com/serie-7645-BD-Anita-Crepax.html>>. Acesso em: 13 fev. 2011.]

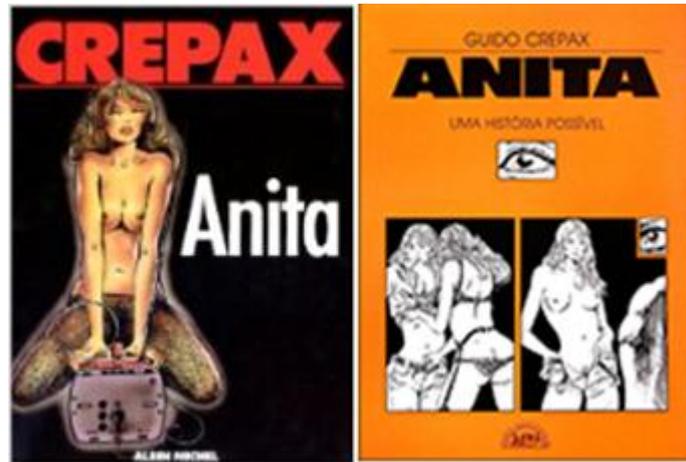


Figura 28 – Capas de Anita  
(criada por Guido Crepax, 1971, Itália)

[Disponível em: <<http://www.librarything.com/work/5058205/covers>>. (esq.)

Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao.aspx?cod\\_tit=an010001&esp=&cod\\_edc=18759](http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao.aspx?cod_tit=an010001&esp=&cod_edc=18759)>. (dir.)  
Acesso em: 13 fev. 2011.]

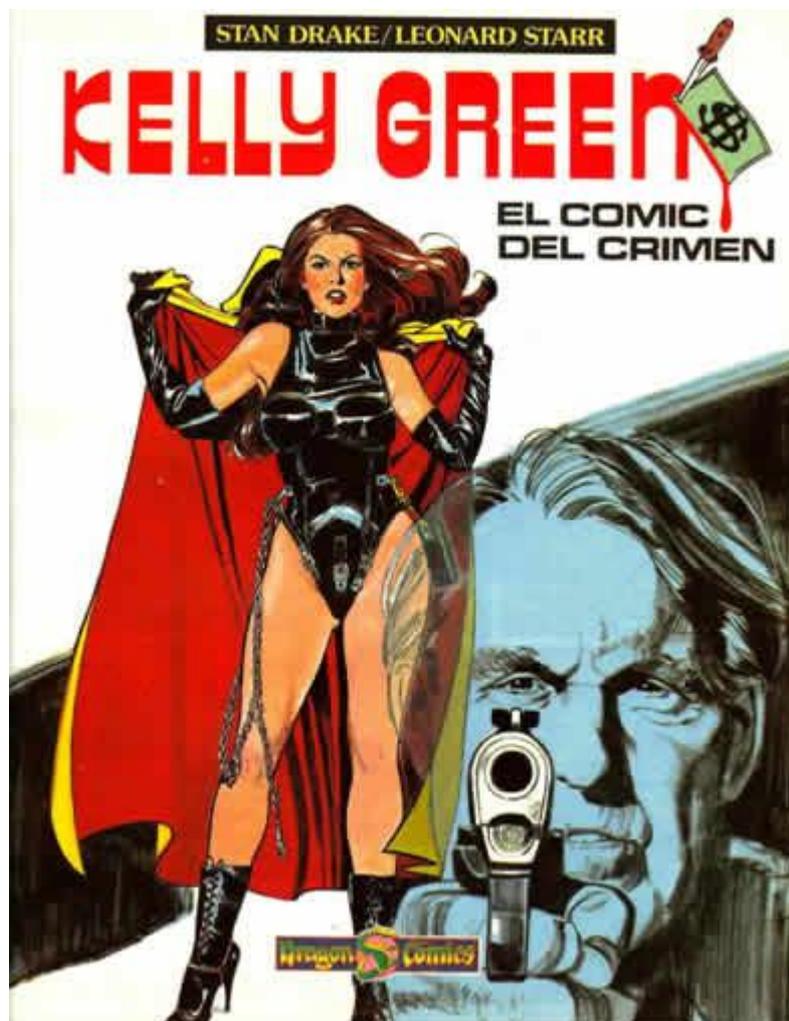


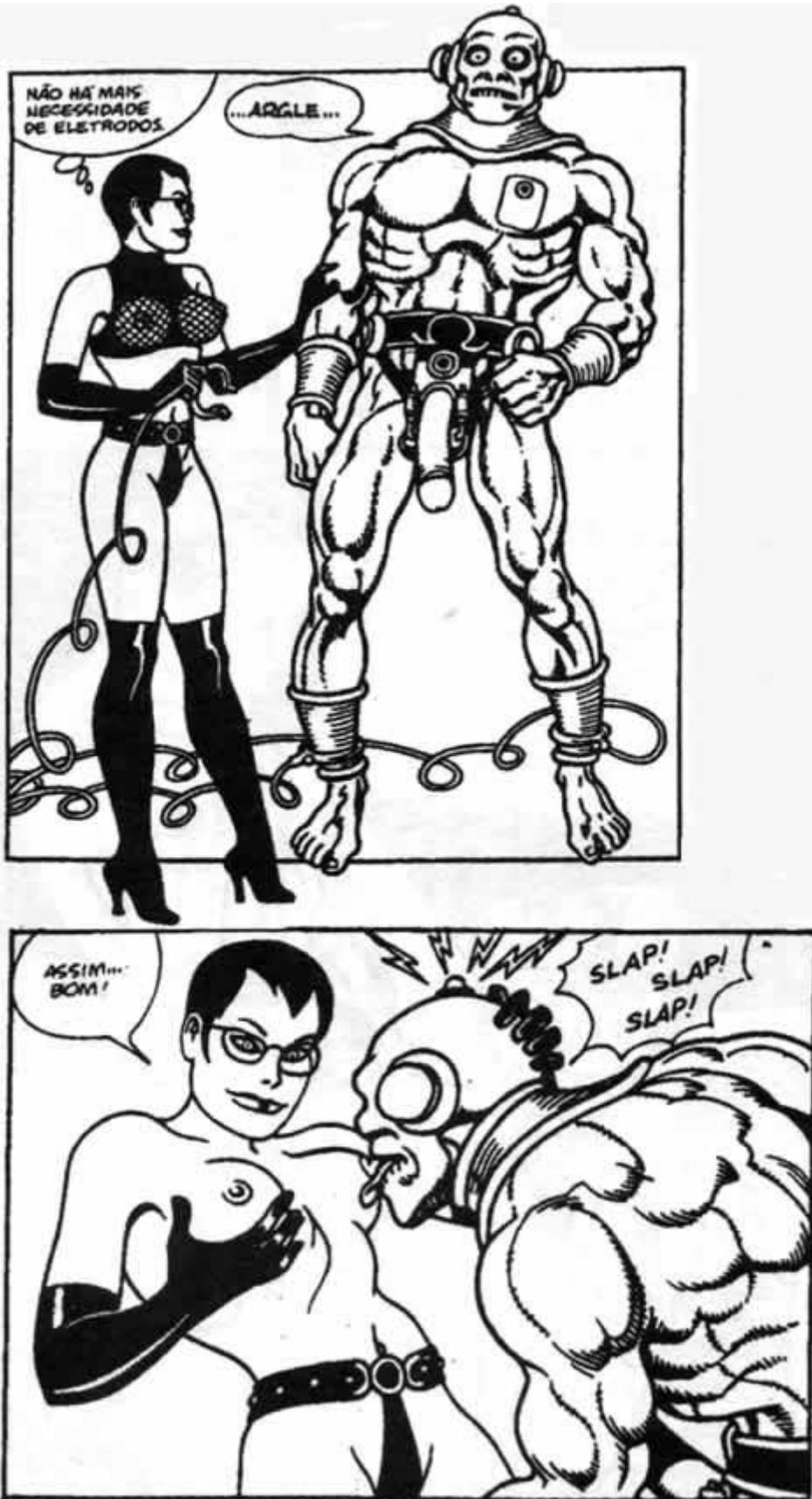
Figura 29 – Capa de Kelly Green [Dragon Comics]  
(criada por Leonard Starr e Stan Drake, 1982, EUA)



Figura 30 – Página interna de Kelly Green [Dragon Comics] (criada por Leonard Starr e Stan Drake, 1982, EUA)



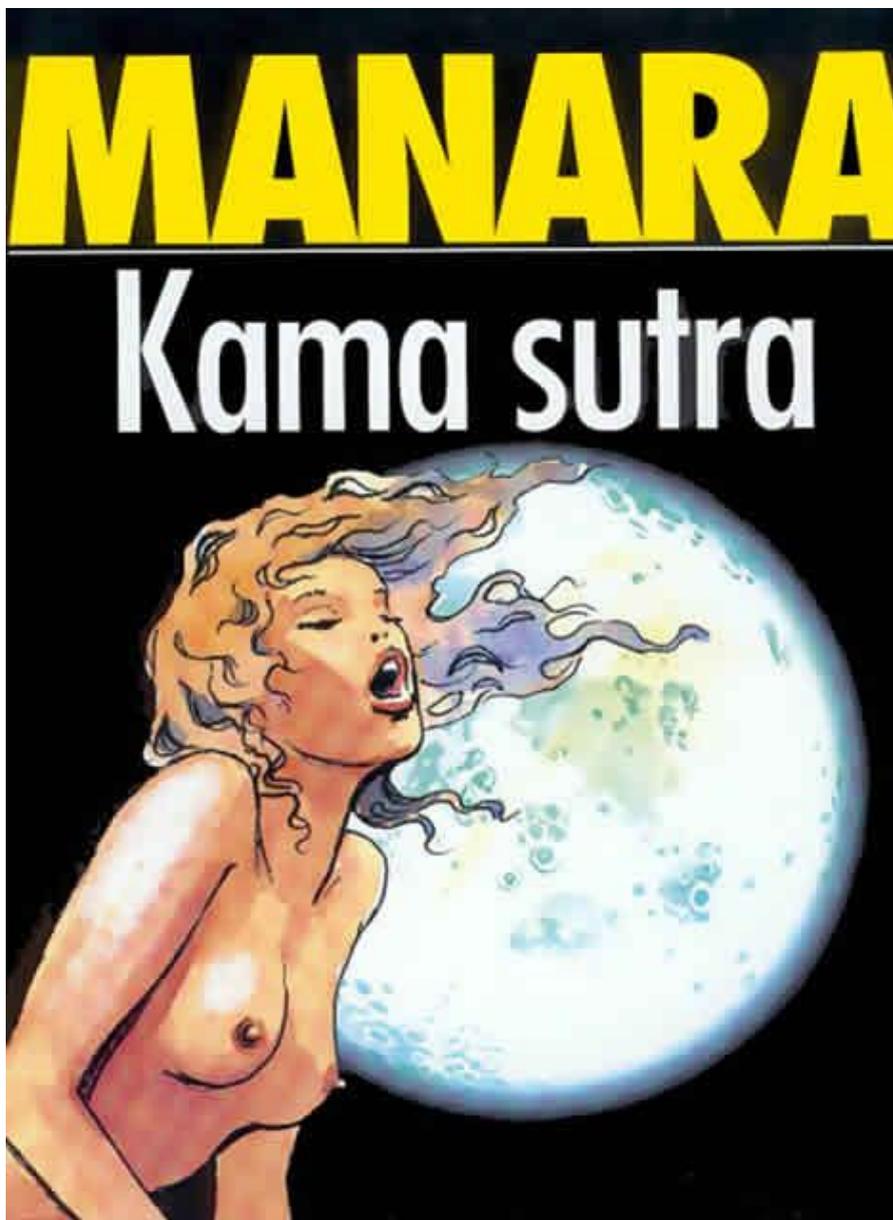
Figura 31 – Página interna de Kelly Green [Dragon Comics] (criada por Leonard Starr e Stan Drake, 1982, EUA)



Lucchetti, 2001, p. 92.

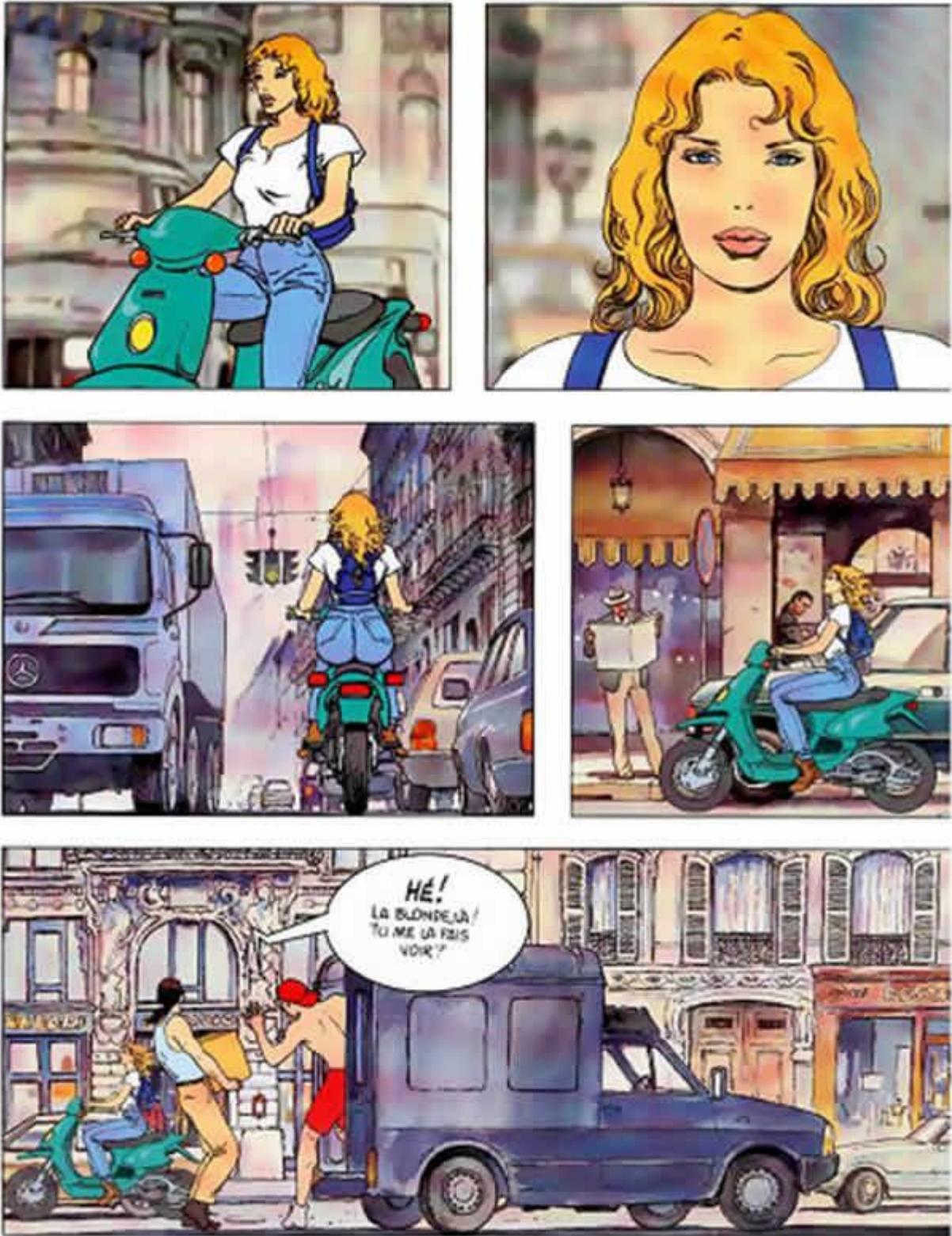
Figura 32 – Página interna de Frieda Boher  
(criada por Ilaria Volpe e Magnus (Roberto Raviola), 1981, Itália)

Parte integrante, sem sombra de dúvida, dos quadrinhos eróticos são textos transplantados da literatura para os quadrinhos, a exemplo de *Emmanuelle* e *História de O* (ambos por Guido Crepax), *O Amante de Lady Chatterley* (por Hunt Emerson) e *Kama Sutra* (por Milo Manara). Os quadrinhos eróticos também possuem protagonistas femininas exclusivamente criadas para este segmento (Gullivera, Valentina). Os artistas mais citados nesta área são indubitavelmente Guido Crepax e Milo Manara, mas o quadrinho erótico é constituído de um grande número de autores e obras representativas, de excelente nível (história e desenho), que não devem ser confundidas com as HQs pornográficas, já mencionadas em outro ponto deste trabalho (item 6.2, subitem d). Um exemplo de adaptação de uma obra conhecida para os quadrinhos é o *Kama Sutra*, que, segundo a visão de Milo Manara, foi adaptado para a realidade do século XX, dentro de uma história que não tem a ver diretamente com o original hindu, mas que utiliza sua essência, especialmente nas posições amorosas retratadas. Vejam-se as figuras a seguir.



**MANARA, Milo. *Le Kama Sutra*. Albin Michel, 2005.**

**Figura 33 – Capa de *O Kama Sutra*, de Manara**



**MANARA, Milo. *Le Kama Sutra*. Albin Michel, 2005.**

Figura 34 – Página interna de *O Kama Sutra*, de Manara



**MANARA, Milo. *Le Kama Sutra*. Albin Michel, 2005.**

Figura 35 – Página interna de *O Kama Sutra*, de Manara



**MANARA, Milo. *Le Kama Sutra*. Albin Michel, 2005.**

Figura 36 – Página interna de *O Kama Sutra*, de Manara



**MANARA, Milo. *Le Kama Sutra*. Albin Michel, 2005.**

Figura 37 – Página interna de *O Kama Sutra*, de Manara

#### 14.4 Um estudo necessário

Como se pôde ver pelo que foi relatado e ilustrado anteriormente, analisar a mulher nos quadrinhos é um trabalho complexo que exigiria pesquisa aprofundada e interseção com outras áreas do conhecimento e da sociedade (sociologia, psicologia, política, comportamento, relacionamento, sexualidade, amor, moda). Evidentemente isto não cabe neste breve resumo, mas é um estudo que se faz necessário para que se compreenda em detalhes como a mulher vem sendo retratada nas HQs ao longo do tempo.

Seria interessante investigar, para diferentes épocas, como as meninas, as jovens e as mulheres adultas vêm sendo apresentadas nas HQs. Certamente podemos esperar encontrar nas HQs um retrato, se não fiel, pelo menos em grande parte representativo da moral, dos costumes e dos valores que envolvem a posição da mulher na sociedade, seus anseios e suas conquistas. Interessante também seria comparar a visão da mulher pelos quadrinistas homens (a grande maioria) e pelas quadrinistas mulheres, além, é claro, de contrastar o feminino em termos do que é feito no Ocidente (os *comics* de linha norte-americana e as HQs europeias) com o que é criado no Oriente (os mangás).

É um estudo necessário, se não essencial, do qual este trabalho é apenas um possível início.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRIAN. **História da Literatura Erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BARCELLOS, Janice Primo. **O Feminino nas histórias em quadrinhos**. Parte I: A mulher pelos olhos dos homens. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/agaque/agaque/ano2/numero4/artigosn4\\_1v2.htm](http://www.eca.usp.br/agaque/agaque/ano2/numero4/artigosn4_1v2.htm)>. Acesso em: 19 out. 2009.

LUCCHETTI, Marco Aurélio. **As sedutoras dos quadrinhos**. São Paulo: Ed. Opera Graphica, 2001.

MUNIZ, Caroline Siqueira. **A mulher: Comportamento e voz nas histórias em quadrinhos**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Licenciatura em Português-Espanhol, Instituto Superior Anísio Teixeira, São Gonçalo, RJ, 2009.

NOGUEIRA, Natania A. S. **Representações femininas nas histórias em quadrinhos: da ficção à realidade**. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/12795263/Representacoes-femininas-nas-Historias-em-Quadrinhos>>. Acesso em: 2 fev. 2011.

PENERARI, Raquel Zompero. **Mulheres nos quadrinhos: de mocinha indefesa a felina sensual**. Disponível em: <<http://www.paratexto.com.br/document.php?id=198>>. Acesso em: 2 fev. 2011.

ROSA, Franco de. **As taradinhas dos quadrinhos**. São Paulo: Ed. Opera Graphica, 2003.